A ATUAÇÃO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NA QUESTÃO DA INDISCIPLINA ESCOLAR

Vanda Aparecida Nonato de Pina

O presente artigo, por ter a pretensão do profissional de Orientação Educacional, tem o objetivo de oferecer subsídios para melhor compreensão sobre o processo de ensino e aprendizagem em relação aos conceitos relativos à disciplina e indisciplina como a quebra de alguns limites estabelecidos pelo grupo. A falta de entendimento de regras e do estabelecimento de critérios internos de valores. Problemas relacionados a desajustes familiares, distorções de valores e de auto-estima e a própria fase da adolescência que contribuem na ocorrência da indisciplina. A permissividade excessiva favorece a formação de crianças com baixa capacidade para suportar frustrações. Crianças que não conhecem limites não abrem mão de seus planos inadiáveis de conquistar o mundo e não conhecem os padrões mínimos para uma convivência social harmônica, que prevê atitudes como saber ouvir, cumprimentar as pessoas, pedir desculpas, agradecer... Assim, entendemos que este trabalho de pesquisa norteará o Serviço de Orientação Educacional a se integrar aos demais setores da escola.

Palavras-chaves: *Orientador Educacional, indisciplina, família, escola.*

INTRODUÇÃO

As questões ligadas à indisciplina são de natureza humana e têm sido um dos obstáculos mais presentes nas escolas. Pretende-se com esse trabalho identificar concepções de disciplina e como professores, alunos e pais as incorporam ao seu cotidiano e o desafio do Orientador Educacional para negociar e prever ações que auxiliem professores no trabalho com alunos tidos como "indisciplinados".

Analisando diversos olhares, para Rocha (1996, p. 338), "indisciplina é a falta de disciplina, que significa regime de ordem, imposta ou livremente consentida, a ordem que convém ao funcionamento regular de uma organização". Enquanto o dicionário Aurélio (1974, p. 702) aborda o termo como indisciplina sinônimo de desobediência, desordem, rebelião.

No primeiro momento, fez-se uma abordagem do contexto familiar evidenciando os limites e a liberdade das crianças e adolescentes no cotidiano. Em seguida, enfocou-se o contexto escolar, como estão sendo abordados os casos de indisciplina e relacionando-os com a liberdade limitada ou não. Como o foco de análise repousa sobre a indisciplina, também se

trata do papel do orientador educacional frente a ela e o envolvimento do Serviço de Orientação Escolar – SOE, com pais, alunos e professores.

A disciplina deveria ser consequência voluntária da escolha livre e, como consequência, a liberdade deveria enriquecer-se de possibilidades, não sendo antagônicos os dois princípios. Tradicionalmente, o clima da aula era caracterizado pela criação de um grupo de estudantes dóceis, que dela participavam como meros receptores, o que tinha como consequência a rapidez do ato pedagógico. Desenvolvia-se pouco a capacidade crítica e a iniciativa individual. Se a repreensão funcionasse, a indisciplina não seria apontada como o aspecto da educação com o qual é mais difícil lidar em sala de aula.

O clima da aula deve ser de liberdade e tolerância, permitindo que os alunos tomem consciência dos seus valores e ajam em sintonia com eles. Não significa que o professor tenha que ter uma atitude de indiferença, ou de apatia, mas as suas atitudes devem ser firmes.

Cada vez é mais difícil estabelecer disciplina e fazê-la respeitar. Nossos pais e avós viveram entre a Família e Escola, quando toda a gente admitia os modos de vida aceitos pela maioria e rejeitava quaisquer outros. Com o efeito da evolução, as crianças tornaram-se mais independentes, menos dispostas a obedecer à autoridade dos adultos.

A desestruturação familiar decorre muito mais da falta de atenção, diálogo e afeto do que da estruturação familiar considerada padrão: pai, mãe e filho (família nuclear). Na maioria das famílias, há pessoas morando na mesma casa e sequer formam núcleo, pois não há diálogo ou afeto entre eles. As famílias estão deixando de proporcionar o desenvolvimento da cordialidade e de boa convivência entre as pessoas.

O papel da escola é construir situações para que os alunos se apropriem do conhecimento, através de um ensino interdisciplinar, que mostre a utilidade dos conteúdos apreendidos e a aplicabilidade dos mesmos no dia-a-dia, além de reforçar os valores sociais, morais e éticos. De acordo com Pereira (2002, p.106), "os limites são o respeito ao ser humano, o respeito a si mesmo e ao outro traduzido como o respeito mútuo enquanto disciplina seria um conjunto de regras a serem obedecidas por todos." Além disso, problemas psicológicos e sociais atingem diretamente o rendimento escolar, produto de uma sociedade na quais os valores humanos tais como o respeito, o amor, a compreensão, a fraternidade, a valorização da família e diversos outros foram ignorados.

A função do Orientador passou a ser de pseudo-psicólogo, conselheiro e coordenador de escola. Tal realidade é confirmada por Meksenas (2002, p. 38), quando diz que "a função da educação é integrar o indivíduo a sociedade é inculcar no indivíduo ideias do meio social em que vive". Precisamos aprender a trabalhar em equipe para obter uma instituição forte,

competente e coesa, não tirando do foco nesse trabalho o ser humano. Precisamos urgentemente valorizar as pessoas.

CONCEITOS DE DISCIPLINA

Todo ser humano, desde seu nascimento, é submetido a regras externas, assim quando adquire padrões de comportamento se torna um indivíduo socializado e faz com que atue, sinta e pense de forma semelhante aos demais com quem convive. Diversos autores já elaboraram conceitos a respeito do tema.

Foucault (1992, p. 119), por exemplo, conceitua disciplina "como uma forma de exercício de poder nos espaços sociais, cuja organização não é garantida no seu cotidiano pelas leis maiores". As práticas de poder segundo ele, não são algo que se possui, não tem lugar e está espalhada por toda parte. A ideia básica (Foucault, op.cit, p. 130), é de "mostrar que as relações de poder não se passam fundamentalmente nem ao nível do direito, nem da violência, nem são basicamente contratuais, nem unicamente repressivas, mas existe uma concepção positiva do poder". O autor alerta que a dominação capitalista não teria condições de se sustentar se fosse baseada na repressão. Pode-se compreender que existe um aspecto positivo no poder, quando ele é assumido através dessas práticas que procuram alcançar a eficácia, controlam as ações para que os homens possam render mais, fazer desenvolver as suas potencialidades e aperfeiçoar suas capacidades.

Já segundo Edgar Morin, em sociedade, as influências culturais na formação de atitudes são múltiplas e constantes e procuram fazer com que as pessoas passem a agir e a pensar da forma que eles propõem:

> "Unidades complexas, como o ser humano ou a sociedade, são multidimensionais: dessa forma, o ser humano é ao mesmo tempo biológico, psíquico, social, afetivo e racional. A sociedade comporta as dimensões históricas, econômicas, sociológicas, religiosas..." (MORIN, 2001, p. 38).

Por sua vez, Carvalho (1996, p. 134) afirma que "a palavra regra pode expressar a ideia de um regulamento tácita ou explicitamente formulado, através de proibições, exigências e permissões; pode expressar instruções ou ainda preceitos morais e religiosos que visam guiar a ação de um indivíduo".

A seu turno, Vasconcellos defende que:

> "A disciplina consciente e interativa, portanto pode ser entendido como o processo de construção da auto-regulação do sujeito e/ou grupo que se dá na interação social, e pela tensão

> dialética adaptação-transformação, tendo em vista atingir conscientemente um objetivo." (VASCONCELLOS, 2000, p. 42).

A pessoa que, de forma passiva, aceita os limites impostos também pode ser caracterizada como indisciplinada. Isto vem ao encontro das palavras de Freire, citado por Vasconcellos (2000, p. 41): "Ninguém disciplina ninguém. Ninguém se disciplina sozinho. Os homens se disciplinam em comunhão, mediados pela realidade".

Analisando os conceitos de disciplina no sentido geral, percebe-se que está diretamente ligada a todos os meios, refletindo principalmente nas escolas que são responsáveis em ajudar no desenvolvimento dos indivíduos em todos os seus aspectos. A disciplina, antes de ser cobrada, tem que ser ensinada. O aluno deve saber o que é disciplina e porque precisa dela. Os hábitos dos alunos quando trazidos para o ambiente escolar devem ser trabalhados e modificados para que haja um compartilhamento do espaço e consequentemente de suas atitudes. Nem sempre esse processo de transformação acontece ocasionando dificuldades de convivência e/ou atritos, conflitos que podem ser interpretados como indisciplina.

INDISCIPLINA NA FAMÍLIA

Das diversas correntes existentes, a Teoria Psicanalítica na educação tem influenciado muitos pais de forma mais decisiva, por se basear no pressuposto de que as dificuldades de aprendizagem estão ligadas a problemas emocionais. Por medo de que os filhos sofram, acabam por afrouxar a disciplina familiar, ceder às vontades dos filhos com muita facilidade e com pouco ou nenhum limite, acabando por afetar a formação dos mesmos.

Segundo a professora de psicologia Marilda Lipp, citado por Venturi (1999, p.41), "O comportamento frouxo não faz com que a criança ame mais os pais. Ao contrário, ela os amará menos, porque começará a perceber que eles não lhe deram estrutura, se sentirá menos segura, menos protegida para a vida". A liberdade em casa pode ser estabelecida mesmo que existam regras, pois ser livre é ter opção de escolha, poder decidir sobre aquilo que tem vontade, o que leva a agir com responsabilidade e sem ultrapassar os limites a que está sujeito.

Quando há a preocupação dos pais com a educação dos filhos, existe uma chance maior de que a disciplina se estabeleça, pois "na maioria das vezes, os pais agem movidos pelo mais legítimo e verdadeiro desejo de acertar, de dar aos filhos o que de melhor eles têm. Nem sempre, porém o conseguem" (ZAGURY, 1997, p. 89).

Outra dificuldade está na falta de diálogo. Conforme cita Pereira (2001):

> Os pais ocupam-se pouco da educação e do acompanhamento dos filhos, porque dispõem de pouco tempo para eles, ocupados estão o dia inteiro a ganhar dinheiro para o essencial e muitas vezes cedendo com facilidade a chantagens emocionais dos filhos, no sentido de obterem cada vez mais facilidades e maior permissividade. Também a geração dos atuais pais é de certo modo vítima de uma progressista indiferenciação de valores que vem se acentuando cada vez mais. A televisão os media (...) oferecem modelos assentes no incentivo ao consumismo cada vez maior...

A situação se agrava quando os pais são separados e essa convivência é ainda mais limitada. Em situações como essa, os filhos precisam dividir o tempo entre o pai e a mãe e muitas vezes necessitam escolher com quem passar a maior parte desse tempo. Famílias mais estruturadas também não ficam imunes ao processo educacional. Pais que titubeiam no cumprimento de certas regras sociais deixam os filhos sem parâmetros.

Para Vasconcellos (2000, p. 24), "Os responsáveis pela família de classe pobre acabam tendo que trabalhar mais para poder garantir a sobrevivência. Os de família de classe média e alta, de um modo geral, trabalham mais para poder consumir mais e sustentar um padrão de vida mais elevado que os demais. (...)". Há, ainda, o fator da estimulação precoce que faz com que os filhos se tornem mais críticos cada vez mais cedo. Segundo Zagury (2000, p. 42) "cada vez mais cedo os pais procuram dar estímulos para os filhos não ficarem para trás. Só que acabam exagerando". Por causa disso, acabam incentivando atitudes não muito éticas e perdem a credibilidade perante os filhos.

A partir da década de 1970, houve uma crescente urbanização ocasionando um desenraizamento econômico, cultural, afetivo e religioso, com acelerado processo de industrialização e de expansão das telecomunicações. Assim, os pais perdem espaço para a mídia que dita regras, modas e influencia diretamente na escolha dos costumes principalmente de crianças e jovens.

Os indivíduos vivem o social mediante as regras estabelecidas pelas instituições. Mas vivem também a sociabilidade, que representa as atitudes cotidianas dos mesmos nos pequenos grupos. Quanto mais o poder instituído procura igualar os indivíduos, mais a violência pode acontecer para lutar contra as regras estabelecidas e sobreviver individual e socialmente.

INDISCIPLINA NA ESCOLA

No início do século XX, as normas disciplinares das escolas eram semelhantes às disciplinas militares e eram empregadas para controlar e ordenar o corpo e a fala. Observam-se as normas disciplinares das escolas no início do século XX em um texto de Moraes citado por Aquino (1996, p. 42):

> Os alunos se devem apresentar na escola minutos antes das 10 horas, conservando-se em ordem no corredor da entrada.
> Formados dois a dois dirigir-se-ão depois ás suas classes acompanhados das respectivas professoras, que exigirão deles se conservem em silêncio e entrem nas salas com calma, sem deslocar as carteiras.
>
> **Deverão andar sempre sem arrastar com os pés, convindo que façam em terça, evitando assim o balançar dos braços e movimentos desordenados do corpo.**
> Em classe a disciplina deverá ser severa:
> - os alunos manterão entre si silêncio absoluto;
> - não poderá estar de pé mais de um aluno;
> - a distribuição do material deverá ser rápida e sem desordem;
> - não deverão ser atirados ao chão papéis ou quaisquer cousas que prejudiquem o asseio da sala;
> - sempre que se retire da sala, a turma a deixará na mais perfeita ordem.

A escola tinha um caráter conservador e destinava-se prioritariamente às classes sociais privilegiadas. As vagas eram limitadas, porque se achava que, se aumentasse o número de vagas, haveria um rebaixamento na qualidade de ensino. O professor era um superior hierárquico, detentor de todo o conhecimento e próximo da lei por isso sua função era, além de transmitir o conhecimento elaborado, exigir o cumprimento das normas.

Segundo Makarenko, citado por Vasconcellos (2000, p. 86): "Na velha escola, a indisciplina era entendida por nós e por nossos companheiros como algo heroico, como proeza e em qualquer dos casos, como algo engenhoso, como um espetáculo divertido". Colocar algo estranho na cadeira do professor para ver sua reação ou, às vezes ficar escondido para não formar fila nos horários da entrada do recreio, eram consideradas grandes indisciplinas e tratadas com absoluto rigor.

Há algumas décadas, valorizava-se o professor por ser mediador de uma ascensão social, o qual tinha uma formação mais consciente da realidade e melhor remuneração. A família apoiava incondicionalmente a escola. A clientela que frequentava a escola tinha maior afinidade com o tipo de saber que ali era vinculado.

A queda dessa ascensão social através da escola provocou uma crise de indisciplina por ocasionar falta de motivação do aluno em adquirir o conhecimento transmitido por ela. Não conseguindo acompanhar o desenvolvimento da sociedade, a escola ainda resiste aos

métodos tradicionais, fazendo com os alunos se sintam pouco motivados, porque fora dela existem muito mais atrativos.

Só que a sociedade provoca no jovem uma crise de sentidos que o desorienta. E a escola passa então a não ser mais a simples transmissora de conhecimentos, o lugar ideal, mas um lugar onde também existem discriminação e seleção social. Falta-lhe perspectiva: estudar para quê?

A ausência de cultura disciplinar preventiva nas escolas, bem como falta de preparo por parte dos professores para lidar com os distúrbios em sala de aula, trás um contexto social onde a indisciplina se expressa. Muitas escolas não oferecem estrutura para a prática de esportes, para brincar e interagir nos intervalos. Assim o espaço fica limitado somente à sala de aula.

A PRÁTICA PEDAGÓGICA E AS CAUSAS DA INDISCIPLINA

Para a escola, ter disciplina é manter a ordem, como expressa Passos (1996, p. 118) e para isso são estabelecidas regras, que servem para desenvolver nos alunos "uma dependência quase infantil, que os impede de crescer como sujeitos auto-suficientes e automotivados".

Disciplina é uma prática social, porém "ter disciplina para realizar algo não significa ser disciplinado para tudo" (CARVALHO, 1996, p. 137). Em muitos momentos, é necessário fugir da ordem ou do padrão comportamental para que o ensino/aprendizagem aconteça.

O aluno, principal alvo das reflexões, precisa conhecer exatamente o sentido da escola. O pensar de Vasconcellos (2000, p. 57-59) faz refletir sobre a função social da escola, que deixou de ser o lugar de busca de ascensão social, o que acarretou uma desorientação enorme em alunos, pais e professores, que sentem dificuldades de entender a efetiva função social da escola. Deve-se deixar claro para o aluno que ele deve respeitar o pensar da escola, assim como esta deve respeitá-lo no que pensa. Criar uma espécie de pacto social, usando coerência no momento de estabelecer regras escolares.

O PAPEL DO PROFESSOR

Cada professor segue uma linha própria em sua atuação. Mas, apesar de constantes aperfeiçoamentos e de pedagogias progressistas estarem ganhando espaço, ainda há aquele professor que atua tradicionalmente. O professor usa da sua autoridade para fazer cumprir as regras sem discussão e o aluno fica sem qualquer possibilidade de agir espontaneamente.

Então a reação professor e aluno passam a "desenvolver um ódio surdo e paralisante que, por debaixo da falsa harmonia do respeito formal, destrói o relacionamento e o compromisso educacional" (VASCONCELLOS, 2000, p. 30).

Em contrapartida, existe a visão liberal, na qual os professores procuram deixar o aluno livre, permitindo todo tipo de manifestação, julgando que ele deve ter responsabilidade e para isso precisa ter liberdade total. A teoria do "cada um na sua" significa "repressão, implica que o professor na sua trincheira decreta unilateralmente a paz, encosta de lado a metralhadora do professor tradicional e levanta a cabeça". E os alunos, do outro lado da "terra de ninguém" têm, então, a oportunidade de mandar as suas balas. Perplexo, o professor cai ferido, perguntando "por que isto se está lhes oferecendo a liberdade?" (VASCONCELLOS, 2000, p. 32).

A indisciplina passiva não apresenta atos de rebeldia mas, em contraposição, também não desenvolve qualquer das tarefas que lhe são propostas. Já na prática liberal, o professor não consegue deixar tudo claro a respeito do que e como os alunos devem desenvolver suas atividades, e não consegue trabalhar como deveria, pois não soube colocar parâmetros e limites para o desenvolvimento das atividades.

Existem professores que atuam se equilibrando entre as duas tendências pedagógicas, em que a procura de aperfeiçoamento e mudança se faz constante. Sendo assim, se tornam pessoas críticas, com capacidade de auto-análise, maleáveis e dispostos a modificar a realidade. Mas estes professores também esbarram em problemas de indisciplina, pois o aluno que passa por vários professores acaba por não saber agir de acordo com a proposta de cada um deles, confundindo um pouco as normas. Também se deve considerar que os fatores externos (emocionais, familiares, sócio-econômicos) interferem na atitude de cada um.

As normas de convívio devem ser claras para que possam ser entendidas e aplicadas conforme as necessidades para obter soluções disciplinares nas escolas. A ideia é tornar claro o que não pode ser feito e ter punições definidas para cada ato irregular, tudo com o comprometimento de todos. As normas devem ser definidas em reuniões, escritas e assinadas em ata.

O professor, a seu turno, não pode desistir ou se acomodar. Não pode deixar que a educação silencie e limite os alunos e que impeça seu desenvolvimento criativo e participativo em sala de aula. Almeja-se uma educação que valorize as organizações coletivas e que contribua para a construção da autonomia e para o desenvolvimento intelectual dos alunos, a fim de que se conquiste uma sociedade democrática.

O PAPEL DO ALUNO

É preciso considerar que "disciplina é a postura do aluno em querer aprender e indisciplina é parte do processo educativo" (VOLKER, 2000, p. 56). Os educadores devem saber que não é todo dia que o aluno vai estar predisposto à aprendizagem, pode haver momentos em que ele não vai querer aprender, que o seu interesse vai estar voltado para outros assuntos que traz consigo para a sala de aula. Essa indisciplina pode ser considerada normal, porém o que vem acontecendo nas escolas é a não-disciplina tida por Volker (2000, p. 59) como uma postura contra o processo educativo, o aluno não tem nenhuma vontade de estar na escola, não tem respeito por ela e tampouco postura para frequentá-la. Mas o que leva o aluno a desenvolver tal postura?

Uma análise crítica sobre família, sociedade e escola, pode inferir alguns traços dessa postura, porém nem família, nem escola ou sociedade podem ser consideradas culpadas por isso, apesar de apresentarem fatores contribuintes para tal acontecimento. O aluno que chega à escola com certo grau de motivação normalmente é aquele que se adequa às normas e faz parte do sistema escolar sem causar conflitos. Para estar motivado, é preciso o incentivo da família para a educação, tornando indispensável à integração família/escola, assim como é também necessária certa compatibilidade entre o que é ensinado e seus interesses. Por fim, deve encontrar na escola um ambiente que favoreça o seu desenvolvimento físico e psíquico.

Portanto, as relações professor/aluno e aluno/aluno são essenciais para manter a disciplina. Tapia (2000, p. 90) considera que "os processos de ensino-aprendizagem são satisfatórios quando se estabelece uma conexão, uma sintonia entre o professor e os alunos". Quando a sociedade não oferece condições de emprego e chance profissional aos jovens, devido à falta de perspectivas, este fica desmotivado e a tarefa de motivar recai nos professores, que nem sempre tem preparo profissional ou mesmo vocação para isto, "além da comunicação explícita, daquilo que o professor diz e explica, ele comunica muitas outras coisas: maneira de raciocinar, estilo cognitivo, personalidade, atitudes, valores. Sabe-se que as atitudes, os valores, a ética se mostram não se demonstram" (TAPIA, 2000, p. 92).

Tapia (2000, p. 113-123) simplifica os fatores motivacionais, reduzindo-os a quatro grupos: "a informação recebida se processará em melhores condições se existir *atenção*, se for considerada *útil,* se prever que se vai Ter *êxito* e se a atividade produzir alguma *satisfação*". Relaciona, ainda, a qualidade motivacional com as funções intrínsecas de cada indivíduo: satisfazer a própria curiosidade (aluno curioso); cumprir as obrigações (aluno consciencioso);

relacionar-se com os demais (aluno sociável); e obter êxito (aluno que busca êxito). O trabalho a ser desenvolvido na sala de aula deve procurar uma forma de atingir a todos.

O papel do Orientador frente à indisciplina

Acredita-se que a função do Orientador educacional está relacionada apenas ao acompanhamento de problemas, ao atendimento de situações emergenciais e ao encaminhamento de alunos a especialistas. É caracterizado, nesse sentido, como um trabalho isolado, desarticulado dos outros setores, e é semelhante ao que nos fala Vasconcellos (2002, p.80) sobre a "síndrome do chamamento":

> ... O trabalho da orientação é deixar de dar status cientifico à discriminação feita em relação aos alunos .., diante de qualquer problema o professor já rotulava o aluno ... E contava com o endosso da orientação.
> Tal prática alimentava uma outra distorção: a "síndrome do encaminhamento" (prática de mandar o aluno para a orientação ou direção), que por sua vez, provocava outra síndrome: "síndrome do chamamento" (fica convocando os pais para dizer que o filho tem problema).

Assim, fica evidente que nem toda comunidade escolar tem clareza sobre a real função do Serviço de Orientação Escolar. Acredita-se que tal equívoco justifica-se pelo fato de o Serviço de Orientação Escolar ter desempenhado, ao longo de muitos anos, um papel disciplinador e, posteriormente, um papel de pseudo-psicólogo, de conselheiro, de coordenador. Nesse sentido, deixou de lado sua principal função social, de formar cidadãos através do acesso igualitário aos códigos, normas e conhecimentos da sociedade em que vivem a fim de poderem analisar, refletir e agir, de maneira consciente, na teia de relações que se estabelecem no convívio social.

O trabalho do Orientador exige o maior número possível de informes a respeito do educando. Assistir todos os educandos, dar ênfase aos aspectos preventivos do comportamento humano, uma vez que é muito mais fácil evitar um acidente do que se recuperar do mesmo. O ideal será a Orientação Educacional agir de maneira profilática do que curativa, estabelecendo um clima de confiança e respeito mútuo, incentivando a procura espontânea, logo que a dificuldade ou uma dúvida surja na vida do educando, antes que a mesma tome vulto e desoriente.

O Serviço de Orientação Educacional deve procurar envolver todas as pessoas com o processo de educação, para que todos cooperem com este serviço, no sentido de ajudar melhor o educando.

É preciso tomar este ofício como um campo privilegiado de aprendizagem e investigação de novas possibilidades de atuação profissional. Torna-se necessário, reinventar os métodos, conteúdos e a relação com alunos, para que se possa preservar a ética do trabalho pedagógico.

ORIENTADORA VERSUS INDISCIPLINA

Realizei uma entrevista com uma orientadora educacional, com 6 anos de experiência profissional, de uma instituição particular de ensino localizada na Asa Norte, Plano Piloto, no Distrito Federal, de forma, a caracterizar e esclarecer os questionamentos a respeito da indisciplina na prática da orientação educacional:

1 - Tem sido algo comum no cotidiano escolar a presença da indisciplina? Na sua prática pedagógica como orientadora educacional de que maneira você atua quando há um possível "diagnóstico" de indisciplina?

R: Sim. A indisciplina acontece por que as crianças não sabem brincar, estão sempre em disputa, tem dificuldades em estabelecer vínculos afetivos e serem frustradas. É feito um trabalho nas turmas sobre Regras de Convivência, Onde utilizamos o guia da comunidade escolar. Após o trabalho desenvolvido em sala partimos com um projeto de recreio dirigido. Momento em que preparamos brincadeiras em diferentes espaços da escola e com turmas mescladas oportunizando a interatividade entre as crianças.

2 - Você pode citar algum exemplo já vivenciado na sua prática educacional de controle de indisciplina?

R: Vivencia diária das Normas de Convivência, como o projeto do Recreio Dirigido; projeto de Líderes de turma; estímulo aos educadores para criar um vínculo afetivo com seus alunos, para que reconheçam neles pontos de referencia e segurança para seguir as normas propostas.

3 - De que maneira o orientador educacional pode atuar mais "diretamente" no cotidiano escolar com crianças que apresentam indisciplina?

R: Contato direto com as crianças, estar sempre com a família colocando-os como parceiros de êxito do filho. Olhar cada criança na sua individualidade e sempre elogiar o lado bom e a sua capacidade.

4- E a comunidade escolar, como age diante da indisciplina?

R: Temos parceria com todos os funcionários e estamos trabalhando para estar sempre perto das famílias. Os educandos que sabem ter disciplina são ótimos parceiros para a conquista dos outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das pesquisas bibliográficas e da entrevista com uma Orientadora Educacional, pode-se notar que as principais causas de indisciplina relacionadas aos alunos são a falta de entendimento de regras e do estabelecimento de critérios internos de valores. Problemas relacionados a desajustes familiares, distorções de valores e de auto-estima e a própria fase da adolescência contribuem na ocorrência da indisciplina. Muitas vezes, a desorientação do adolescente frente às normas é reflexa de uma sociedade competitiva, globalizada e consumista, o qual deixa a família sem parâmetros e sem clareza de que limites exigir dos filhos. No que se refere ao papel do Orientador Educacional, quanto à indisciplina escolar, segundo a entrevistada, ele deve manter um contato direto com as crianças, estar sempre com a família colocando-os como parceiros de êxito do filho.

Apesar de a sociedade brasileira ser composta de famílias predominantemente de nível econômico e cultural mais baixo, conclui-se que este fator não é decisivo para a questão disciplinar. A indisciplina pode ser ocasionada também pela falta de estrutura familiar. Os limites, mesmo quando são estabelecidos na família, não são cobrados devidamente.

Percebe-se, no ambiente escolar, que a ideia expressa por pais não vão ao encontro das dos filhos, pois os últimos tendem a omitir suas atitudes. Isso faz com que as normas criadas não são sejam cumpridas integralmente. Quando em família o limite não lhe é cobrado, tenta agir da mesma maneira na escola, testando todo e qualquer sistema que exija dele o cumprimento das normas.

O sistema escolar precisa de mudanças que se adequem a sua clientela, reflexo de uma sociedade em crise. Os professores consideram o problema da indisciplina como um fator externo, mas o que se conclui é que a falta de preparo para tantas mudanças contribui, essencialmente, no desnorteamento da realidade escolar. Enfim, muitos são os fatores causadores da indisciplina na escola, mas, em todos eles se faz presente a questão dos limites não colocados adequadamente ou não cobrados devidamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Julio Groppa. Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus Editorial, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1974.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Petrópolis: Vozes, 1992.

MEKSENAS, Paulo. Sociologia da educação. São Paulo: Editora Loyola, 2002.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2000.

PASSOS, Laurizete Ferragut. A indisciplina e o cotidiano escolar: novas abordagens, novos significados. São Paulo: Summus Editorial, 1996.

PEREIRA, Amélia Pinto. Indisciplina e violência: na escola ou na sociedade? Opiniões, Cascavel, Edição nº 2649, maio, 2001. Disponível em: <http://www.jhoje.com.br/opiniões.htm>. Acesso em: 20 de abril de 2009.

PEREIRA, Gilson de A. Limites e afetividade: a representação do professor e sua prática pedagógica no cotidiano escolar.2002. Dissertação (mestrado em educação)_ Faculdade de Educação, Pontifica Universidade Católica do Rio grande do Sul.

ROCHA, Ruth. Mini dicionário. São Paulo: Editora: Scipione, ano de republicação: 1996.

TAPIA, Jesus Alonso; FITA, Enrique Caturla. A motivação em sala de aula: O que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2000.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. São Paulo: Libertad, 2000.

VENTURI, Joacir J. Educar um filho: trabalho de Hércules? Gazeta do Povo, Curitiba, 17 junho 1999.

VOLKER, Paulo. Disciplina, limites e ética. Disponível em: <www.aescola.com.br/colunas>. Acesso em 20 de abril 2009.

ZAGURY, Tania. O Adolescente por ele mesmo. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.